

REPRODUÇÃO DE DESIGUALDADES NOS RESULTADOS EDUCACIONAIS: O CASO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

INEQUALITIES PROPAGATION IN EDUCATIONAL OUTCOMES: THE CASE OF BRAZILIAN HIGHER EDUCATION

*Diego Nunes da Rocha**

Cite este artigo: ROCHA, Diego Nunes Da. Reprodução de Desigualdades nos Resultados Educacionais: O Caso do Ensino Superior Brasileiro. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 77 – 89. 2018. Semestral. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus>>. Acesso em: março, 2019.

Resumo: A partir da primeira década dos anos 2000, o Brasil viveu uma intensificação da expansão do ensino superior, acompanhado de uma tentativa de diversificação do sistema. Entretanto, pesquisas prévias indicam que a ampliação desse nível de ensino não representa necessariamente maior igualdade de acesso para diferentes grupos sociais. Ainda que estudos anteriores sobre o tema no Brasil sejam importantes para entender padrões de ocupação dos cursos, eles não costumam levar em consideração um fator essencial: o desempenho do estudante. Dessa forma, este estudo é sociologicamente relevante porque acrescenta uma variável às características socioeconômicas do aluno, o desempenho, que é fundamental para entender as dinâmicas da ocupação das vagas do ensino superior brasileiro.

Palavras-chave: ensino superior, estratificação horizontal, expansão do ensino, desempenho.

Abstract: Starting from 2000's, Brazil lived an intensification of college expansion, having a grow of vacancies and registration in this educational level. However, previous researches shows that expansion of tertiary education doesn't necessarily means that there is more equality in the access of different social groups. Even that previous researches about this issue in Brazil are important to understand standards of courses occupation, they don't usually use an essential factor: the students performance. Adding performance will give bigger precision to the effects made by socioeconomics factors. In this way, this reseach is important to add an element to students socioeconomics characteristics, the performance, which is fundamental to understand the dynamics of vacancies' occupantion in brazilian college.

Keywords: college, horizontal stratification, expansion, performance.

Desde meados dos anos 90, o ensino superior brasileiro sofreu um processo de expansão que resultou no aumento do número absoluto de vagas e, conseqüentemente, da quantidade de alunos no setor. Esse crescimento foi acompanhado pela diversificação institucional do ensino terciário, com o aumento das vagas disponibilizadas pelas faculdades privadas, o acréscimo da oferta nas regiões nordeste e norte, a multiplicação dos cursos de licenciatura, o surgimento dos cursos tecnológicos, e o crescimento dos cursos noturnos. Tal expansão também foi acompanhada, a partir de meados dos anos 2000, da tentativa de modificação do perfil do alunado que frequenta o setor. Isso ocorreu através do Fies [1], do Prouni [2] e da intensificação das cotas econômicas e raciais até que se tornassem lei, em 2012.

A diversificação institucional do ensino superior e a tentativa de abertura do setor para um público diferente do que tradicionalmente frequenta as universidades não garantem a democratização do seu acesso. Mesmo com tais iniciativas, pesquisas anteriores sobre o tema indicam que, em um ensino superior em expansão, estudantes com origens socioeconômicas mais altas mantêm os seus privilégios ao ingressarem em cursos e instituições de maior prestígio, além de compartilharem de gostos e formas de agir com professores e empregadores.

Partindo de tais premissas desenvolvidas pela literatura sociológica, o objetivo dessa pesquisa é identificar a relação do desempenho do estudante com a sua origem socioeconômica e o curso no qual o mesmo está inserido. A análise do desempenho do estudante no debate sobre o ensino superior não é usual nas pesquisas brasileiras e é fundamental para o entendimento do setor, uma vez que a partir dele é possível saber se alunos de origem socioeconômica alta se alocam em cursos competitivos mesmo com notas pouco competitivas. Este artigo está dividido em outras cinco partes, além desta introdução: “o ensino superior”, que revisará a literatura sociológica acerca do ensino terciário no mundo; “a expansão do ensino superior brasileiro”, analisando especificamente o contexto brasileiro na última onda de expansão do setor; “dados e resultados gerais”, apresentando os dados utilizados e as conclusões iniciais da pesquisa; “análise dos cursos competitivos”, que observa especificamente os cursos que apresentaram alunos com desempenho acima da média da distribuição geral e renda alta; “considerações gerais”, revisando os resultados da pesquisa em diálogo com a literatura.

1. O ensino superior

O ensino superior é um tema muito debatido em todo o mundo, por diversas razões. Capaz de impactar a redução de desigualdades econômicas e sociais ou reproduzi-las, este setor é observado com atenção especial por governantes, estudiosos e pela população. O seu caráter historicamente desigual e a variação de sua organização institucional entre diferentes países intriga pesquisadores, tornando comparações inevitáveis (PRATES, 2007).

Apesar de esforços de diversificação do sistema e ampliação do perfil de quem o frequenta em vários lugares do mundo, estudos empíricos confirmam a perpetuação de disparidades no dentro do ensino superior. Essa disparidade, chamada de estratificação horizontal (GERBER e CHEUNG, 2008), é resultado da diferença entre grupos que não

conseguem e conseguem acessar determinados cursos ou instituições de prestígio, como estudantes de baixo status socioeconômico em cursos e instituições que tradicionalmente são ocupados por grupos de posição socioeconômica mais alta. Por exemplo, no Brasil, Pedagogia e Serviço Social são historicamente cursos com alunos de perfil socioeconômico baixo, enquanto Medicina é um curso ocupado desproporcionalmente por pessoas de origem socioeconômica alta.

Algumas teorias tentam sistematizar este tipo de evidências. A teoria da desigualdade maximamente mantida (MMI) explica que a expansão atinge primeiramente uma demanda reprimida das classes superiores e, na medida em que existe a saturação dessa demanda por parte das classes mais abastadas, haveria espaço para redução da desigualdade quando as classes baixas entrassem no setor (RATFERY e HOUT, 1993). A teoria da desigualdade efetivamente mantida (EMI), por sua vez, indica que, mesmo com tal saturação, os estudantes das classes superiores perpetuam o seu privilégio de diversas formas (LUCAS, 2001). Uma das estratégias mais comuns mobilizadas é o investimento educacional em carreiras altamente prestigiadas em instituições competitivas (LUCAS, 2001).

A pesquisa feita por PRATES (2007) corrobora a tese de Lucas. Através das PNADs (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) de 1973, 82, 88 e 96, Prates mostra que o título do ensino superior brasileiro reforça as origens sociais dos concluintes, ao contrário do que ocorreu em outros países que passaram pelo processo de expansão da educação terciária. Para tentar explicar tais resultados, o autor levanta as hipóteses de que o capital social (BOURDIEU, 1986) e as redes sociais (GRANOVETTER, 1973) são fatores fundamentais para a perpetuação das desigualdades no ensino superior. Ou seja, setores privilegiados da sociedade conseguem manter tais privilégios, mesmo em contextos de diminuição de desigualdades.

AYALON e YOGEV (2005), ao analisarem a expansão do ensino superior de Israel, ilustram a pertinência desta teoria e mostram como as oportunidades de estudar em áreas de prestígio e lucrativas no sistema de ensino superior do país são majoritariamente preenchidas por estudantes com perfil privilegiado – ou seja, de status socioeconômico alto, que fizeram a sua vida acadêmica em escolas da elite acadêmica do país e fizeram a transição ensino médio-ensino superior por volta dos 18 anos. Ao avaliarem a expansão do ensino superior no país, estes estudiosos mostraram que as novas universidades criadas com cursos de maior demanda foram capazes de recrutar alunos do mesmo perfil privilegiado, mas de menor desempenho acadêmico. Estudantes de classes menos abastadas se alocaram em cursos de menor prestígio e de menores retornos no mercado de trabalho israelense.

Em diálogo com esta linha de estudo, a presente pesquisa se esforça para entender o padrão da estratificação horizontal de oportunidades no Brasil. E, diferentemente de outros trabalhos produzidos no país, este estudo utiliza a variável de desempenho acadêmico dos alunos, que é fundamental nas análises sobre desigualdades educacionais. Isso porque quando a variável de posição socioeconômica do aluno é avaliada isoladamente, seu efeito é sobrestimado por não levar em conta o efeito indireto da origem socioeconômica no desempenho acadêmico do aluno. Dessa forma, ao incorporar esta dimensão da análise, além de entender quais cursos

recrutam alunos de melhor desempenho, também é possível mensurar de forma mais precisa qual é o efeito direto do nível socioeconômico escolha de curso.

Dessa forma, em diálogo com os estudos do campo, mobilizo os seguintes questionamentos: I) como alunos economicamente privilegiados entram no sistema mesmo com notas menos competitivas? II) Como os alunos menos privilegiados se inserem no setor com desempenhos competitivos? E com desempenhos menos competitivos? Seria a renda compensatória desses desempenhos menos competitivos?

2. A expansão do ensino superior brasileiro

O Brasil viveu duas grandes ondas de expansão do ensino superior, entre 1960-70, durante a ditadura militar, e durante os anos 1990-2000, nas gestões de Fernando Henrique Cardoso e Lula. No início do regime militar, a ampliação do ensino terciário no país se dava com forte influência do modelo norte-americano, através da lógica da produtividade acadêmica, da ampliação do número de vagas nos cursos já existentes e de estímulo ao crescimento do setor privado (Cunha, 1988).

A expansão do ensino superior durante o século XX pode ser interpretada do ponto de vista econômico, sociológico, político e cultural (JARUSCH, 1983). Da perspectiva econômica, a justificativa para a expansão do terciário estaria na maior demanda das sociedades industriais de força de trabalho especializada; do ponto de vista sociológico, a explicação estaria na nova classe média e seus anseios de ascensão através da educação; do ponto de vista político, há a incorporação das pessoas com status socioeconômico desprivilegiado aos serviços públicos; do cultural, existe a busca pelo aperfeiçoamento do indivíduo, sem necessariamente haver alguma finalidade prática.

Depois da estagnação do setor entre os anos de 1975 e 1995, muito em função da instabilidade econômica que permeava o país, houve a mais recente onda de expansão do ensino superior no Brasil. Iniciada final dos anos 90 e intensificada no século XXI, o aumento do número de vagas no ensino superior teve como um dos objetivos aumentar o número de jovens no setor. A Argentina, por exemplo, em 1997 possuía 36% da população entre 19 e 24 anos no ensino superior, enquanto o Brasil não chegava a 12% (SAVIANI, 2010). Essa expansão também foi atrelada a políticas públicas que visavam reduzir as desigualdades geradas no acesso ao sistema. Dessa forma, ações como a Lei geral de cotas e o Programa Universidade para Todos (Prouni) tiveram papel fundamental na tentativa de atingir tal meta. Alguns desses objetivos de fato foram alcançados, como a diversificação etária dos estudantes que ingressam nas IES [3].

Essa nova onda de expansão, assim como a primeira, teve como grande protagonista o setor privado. SAVIANI (2010) revela que, em 1996, 77% das instituições de ensino superior eram privadas; em 2005, eram 89,3%. Enquanto isso, 60% dos alunos em 1996 estavam em instituições privadas; em 2005, eram 73%. Outra marca da expansão recente foi a diversificação institucional, que pode ser observada no crescimento de novas modalidades de formação, como os cursos tecnológicos e os cursos à distância. Segundo BAETA NEVES (2012), os cursos não-presenciais eram 4,4% do ensino superior em 2006; em 2010 já representava 15%.

3. Dados e resultados gerais

Este estudo utiliza os microdados do Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) dos anos de 2007, 2008 e 2009, apenas com os ingressantes de cada curso. O Enade, que tem o objetivo de avaliar os cursos de ensino superior, nessa época era realizado em triênios par cada curso e, até 2010, o exame abrangia os alunos ingressantes e concluintes. A partir dessa data, somente os ingressantes passaram a ser avaliados. Nos exames do Enade havia uma prova, dividida em conhecimentos gerais e específicos; e um questionário socioeconômico, com perguntas sobre o aluno, o curso e a instituição de ensino. Como esta pesquisa está focada em ingressantes – que cursaram até 20% do curso –, a parte da prova sobre conhecimentos específicos não foi utilizada.

A análise do perfil dos estudantes dos cursos será feita a partir de indicadores socioeconômicos e institucionais presentes no questionário do Enade. As variáveis independentes relacionadas ao aluno são o seu desempenho e a sua renda familiar, enquanto a variável independente do curso é a rede (se é pública ou privada).

Para facilitar a análise e a visualização dos gráficos, alguns cursos foram agrupados obedecendo ao critério de afinidade pragmática. Por exemplo: Letras, História e Filosofia; Arquivologia e Biblioteconomia; e algumas áreas da Engenharia. Nesses casos, assim, não é possível fazer uma análise do curso em si, mas da soma desses cursos.

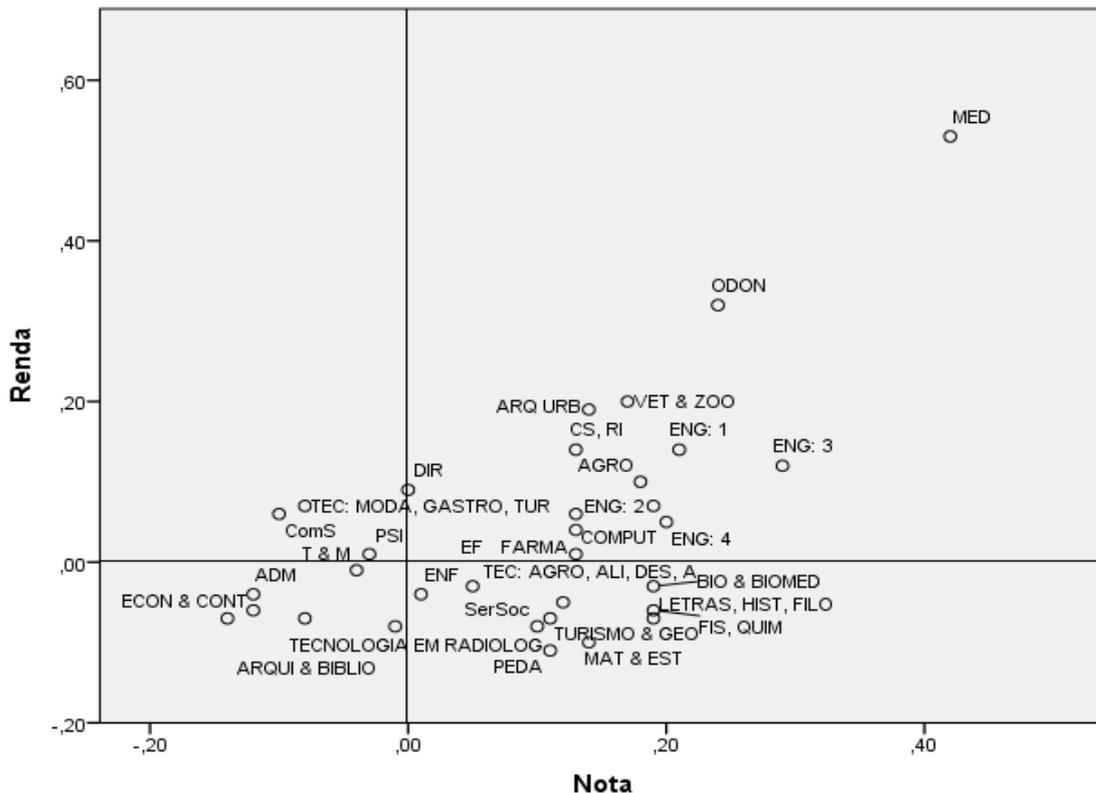
A primeira análise feita foi entre a renda do estudante por curso/agrupamento. A renda da família do discente, neste caso, foi dividida em até 3 salários mínimos, entre 3 e 10, entre 10 e 30, e mais de 30. Este é o principal indicador de posição socioeconômica utilizado na pesquisa. Medicina é o curso com menos pessoas que fazem parte da faixa de renda mais baixa (7,1%), seguido por Odontologia (15,9%). Os cursos com mais estudantes na faixa inferior da distribuição de renda são Serviço Social (63,4%) e Pedagogia (65,8%).

A segunda análise foi feita com o desempenho dos estudantes de cada curso. Para tal, a nota foi classificada em quartis. Dessa forma, o 1/4 de alunos com desempenho mais elevado (que chamarei de nota “alta”) faz parte do primeiro quartil, o 2/4 está classificado como nota “média alta” e assim sucessivamente. Dessa vez, Medicina é o curso com mais pessoas com desempenho classificado como alto (71,5%), com quase de 30 pontos percentuais de vantagem sobre o curso seguinte, Odontologia (42,1%). No extremo oposto, Enfermagem (16,3%) e Tecnologia em Radiologia (14,9) são os cursos com menos estudantes com nota alta.

A Fig. 1 [4] é a junção das duas primeiras análises. O “marco 0” do eixo da Nota é a mediana do desempenho dos alunos. Assim, cursos “positivos” possuem média de desempenho acadêmico maior do que a mediana geral da amostra. O “marco 0” da Renda, por sua vez, representa a soma de 10 salários mínimos e, conseqüentemente, os cursos acima dessa marca possuem médias superiores a esse valor. O curso de Medicina possui renda e nota muito acima dos demais cursos. Na sequência aparecem Odontologia, Arquitetura e Urbanismo, e Veterinária & Zootecnia, que ocupam o quadrante superior direito do gráfico. Os outros quadrantes apontam outros perfis da interseção entre desempenho acadêmico e nível socioeconômico do

curso. Como o objetivo da pesquisa é analisar o impacto do desempenho sobre a renda na alocação dos alunos nos cursos, a partir de agora nos fixaremos nos cursos citados acima, que teoricamente são mais competitivos e têm nível socioeconômico mais alto. Afinal, em teoria, a necessidade de obter uma nota alta não é tão grande para ingressar em cursos menos competitivo. Portanto, possíveis estratégias de ajuste das famílias para alocar os alunos de menor desempenho em cursos menos seletivos deste ponto de vista poderá ser captado com o foco nestes cursos.

Gráfico 1 – Renda e desempenho por curso

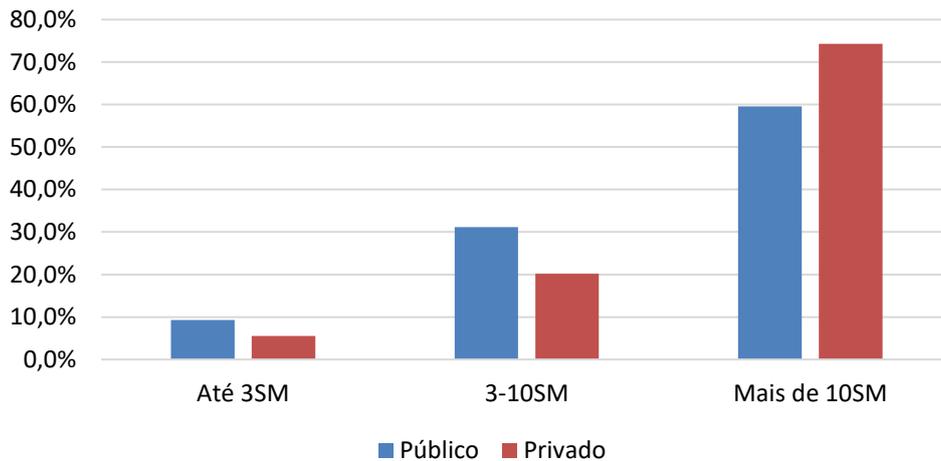


Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

4. Análise dos cursos competitivos

A Fig. 1 nos auxilia na escolha dos cursos para os quais uma análise mais detalhada será feita. Escolhemos os cursos de Medicina, Odontologia, Arquitetura & Urbanismo e Veterinária & Zootecnia por serem os mais competitivos e terem nível socioeconômico mais alto. Para tornar a análise mais fácil, a faixa de renda acima de 30 salários mínimos foi agregada à faixa entre 10 e 30, criando a categoria “Mais de 10sm”. A variável de nota, por sua vez, teve os três quartis inferiores agrupados, representando 75% do total dos estudantes. Assim, os 25% com melhores desempenhos foram classificados como “Alto” e os 75% restantes como “Médio”.

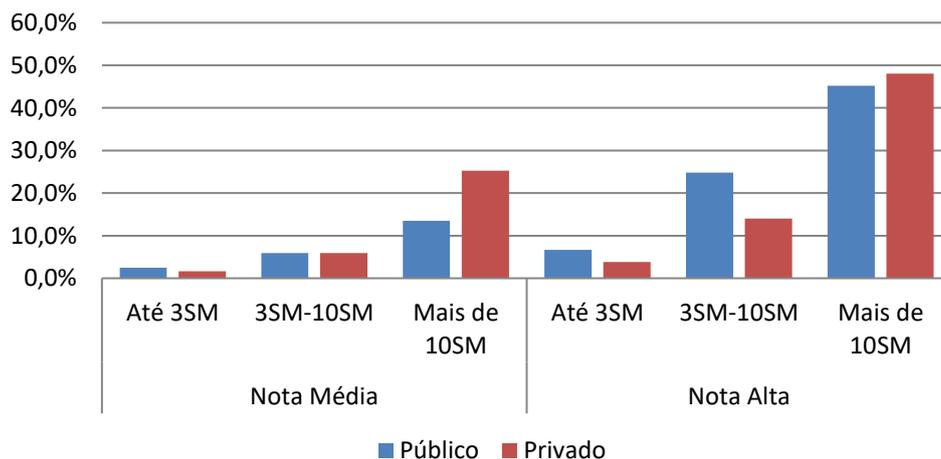
Vemos na Fig. 2 [5] a distribuição entre instituições públicas e privadas dentro de cada faixa de renda no curso de Medicina. Nesse curso observamos que os alunos com até 10 salários mínimos tendem a ir para o setor público, ao contrário de quem possui mais de 10 salários mínimos de renda familiar mensal.

Gráfico 2 - Renda e setor em Medicina

Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

Se acrescentamos a variável de nota, como aparece na Fig. 3 [6], vemos que tal distribuição é mais complexa. Alunos com nota média tendem a ir mais para o setor privado conforme a sua renda aumenta. Alunos com nota alta, por sua vez, tendem a ir mais para o setor público do que os de nota média.

Tal resultado explicita a relação entre desempenho, posição socioeconômica e o setor que o aluno se encontra. Em um curso competitivo como Medicina, a nota é crucial para acessar o ensino público em todos os níveis socioeconômicos. Aqueles que não atingem um nível de desempenho (Nota Média) se alocam no ensino privado, mas essa alocação depende de seu nível socioeconômico.

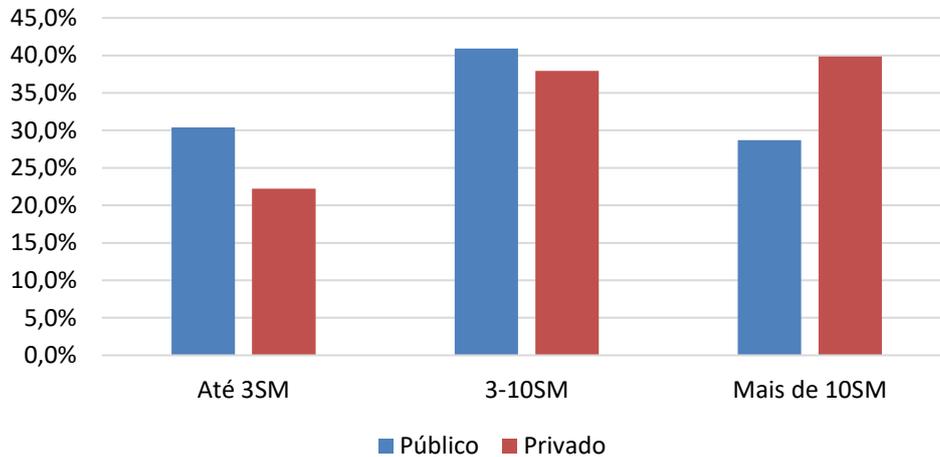
Gráfico 3 - Medicina com desempenho

Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

O agrupamento Veterinária & Zootecnia é analisado na Fig. 4 [7]. A tendência ao observar apenas a distribuição de renda por setor é parecida com Medicina, com alunos até 10 salários mínimos indo proporcionalmente mais para o setor público do que os que ultrapassam

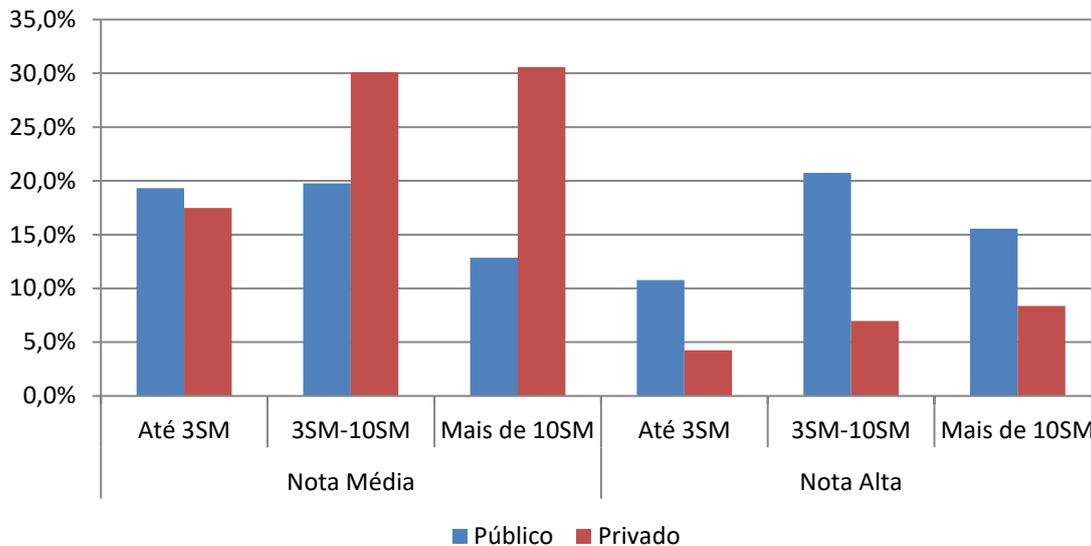
esse valor. A principal diferença se encontra no tamanho das faixas de renda: enquanto a porcentagem de estudantes de até 3 salários mínimos nos setores público e privado em Veterinária & Zootecnia são de 30% e 23%, respectivamente, em Medicina nenhum dos dois chega a 10%.

Gráfico 4 - Renda e setor em Veterinária & Zootecnia



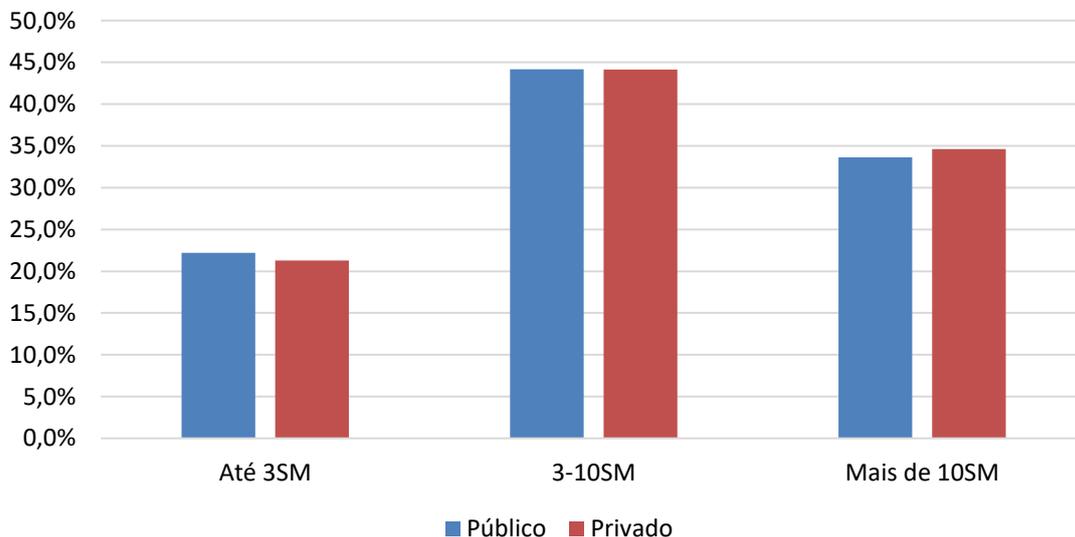
Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

A diferença entre Medicina e Veterinária & Zootecnia fica mais evidente ao observarmos a Fig. 5 [8]. Nesse, os alunos com renda a partir de 3 salários mínimos e com nota média tendem a ingressar no setor privado, enquanto em Medicina isso só acontece na maior faixa de renda. Outra diferença é notada nos alunos com mais de 10 salários mínimos e nota alta: eles tendem a ir mais para o setor público do que os futuros médicos. Aqui se localizam evidências que podem apontar para estratégias compensatórias da falta de desempenho acadêmico por parte de alunos de nível socioeconômico médio e alto. Mesmo não tendo condições de se alocar no ensino público, eles conseguem acessar, desproporcionalmente, o ensino privado. O nível socioeconômico, assim, compensa o desempenho acadêmico, mas apenas para aqueles que vêm de famílias com renda per capita acima de três salários mínimos.

Gráfico 5 - Veterinária & Zootecnia com desempenho

Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

O agrupamento Arquitetura, Urbanismo & Design, visto na Fig. 6 [9], apresenta distribuição de alunos em instituições públicas e privadas muito parecida em todas as faixas de renda, o que não ocorreu nos cursos até então analisados. A maior presença de discentes na faixa intermediária de renda é outra novidade dessa distribuição quando comparada com os cursos anteriores.

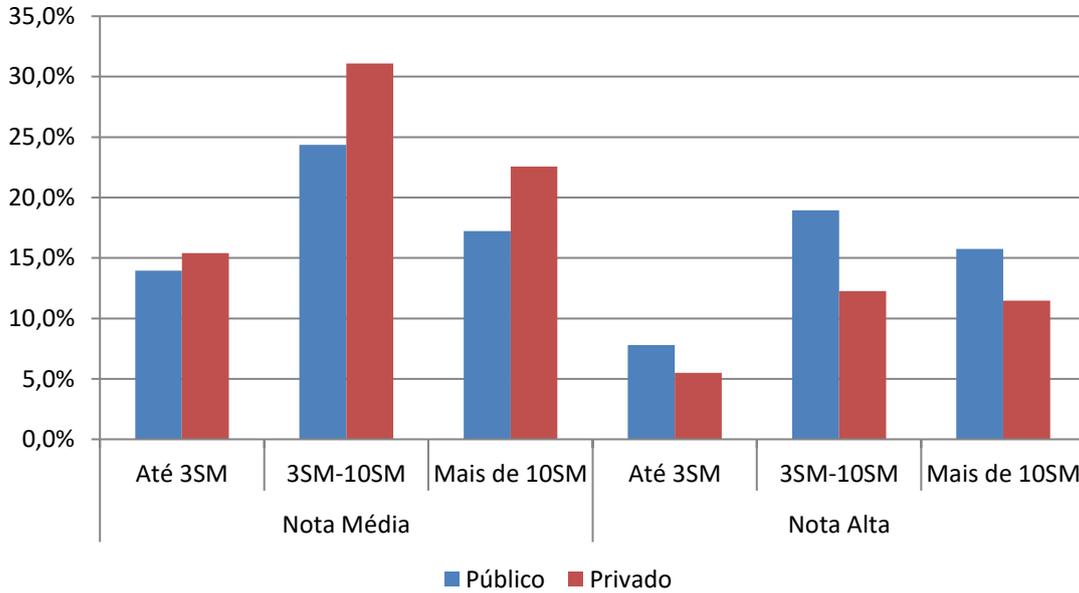
Gráfico 6 - Renda e setor em Arquitetura, Urbanismo & Design

Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

A Fig. 7 [10] explicita a relevância de acrescentar o desempenho nas análises sobre os cursos, uma vez que semelhança observada na ilustração acima se desfaz com a incorporação dessa variável. Vemos que os alunos com nota média, independentemente da renda, tendem a ir para o setor privado, ao passo que os estudantes com nota alta, também em todas as faixas de

rendimento familiar, se encontram no setor público. Aqui, temos um padrão que sugere a mesma tendência identificada acima para os cursos de Veterinária & Zootecnia.

Gráfico 7 - Arquitetura, Urbanismo & Design com desempenho

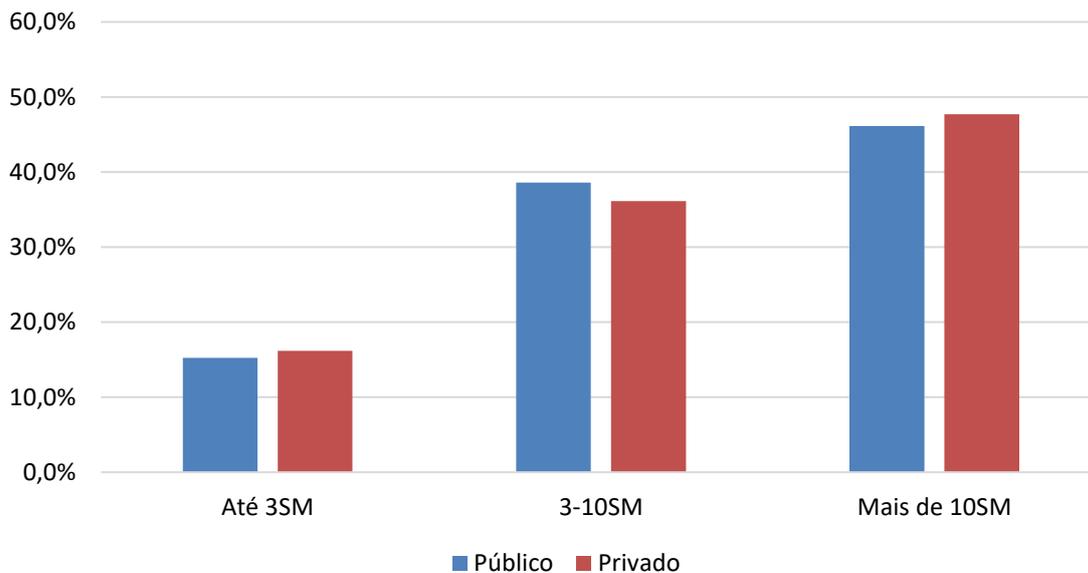


Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

O curso de Odontologia segue tendência parecida com a observada em Arquitetura, Urbanismo & Design. A principal diferença entre eles está na distribuição dos alunos pelas faixas de renda, já que a divisão com maior quantidade de discentes de Odontologia é a com mais de 10 salários mínimos, enquanto Arquitetura, Urbanismo & Design é entre 3 e 10 salários.

[11]

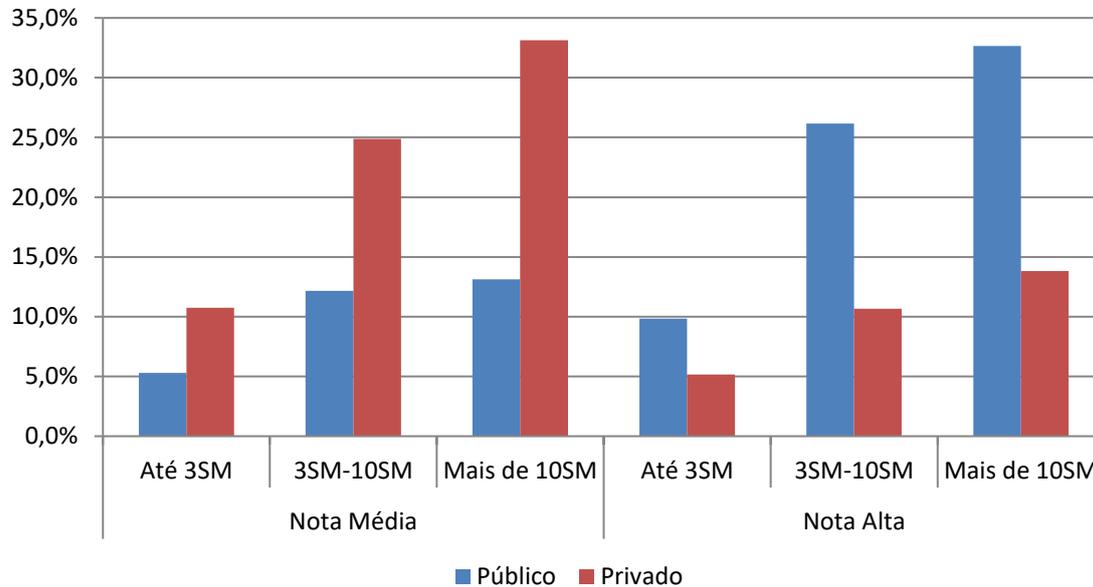
Gráfico 8 - Renda e setor em Odontologia



Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

As semelhanças de Odontologia com Arquitetura, Urbanismo & Design se mantêm quando a variável de desempenho é acrescentada. Assim como neste agrupamento, os alunos daquele curso com nota média apresentam tendência de se inserirem no setor privado, enquanto os estudantes com nota alta se encontram na rede pública de ensino. [12]

Gráfico 9 - Odontologia com desempenho



Fonte: Enade 2007, 2008 e 2009

5. Considerações finais

Esse artigo explicita a relevância da inclusão do desempenho dos estudantes na análise sobre estratificação do ensino superior. Apenas com esse nível de detalhamento é possível compreender as dinâmicas dentro do setor e a alocação dos alunos de diferentes perfis socioeconômicos em cursos de distintos graus de competitividade.

Medicina é um caso bastante específico dentro do contexto de cursos competitivos, devido à excepcionalidade da competição por vagas neste curso. Alunos da faixa de renda mais abastada têm a perspectiva de entrarem tanto no setor público quanto no privado, ao contrário dos estudantes de até 10 salários mínimos. Isso provavelmente acontece pelo alto custo dos cursos de Medicina, fazendo com que este estudante necessite do setor público para fazer a graduação.

Tal tendência não se perpetua nos outros cursos/agrupamentos analisados. Estudantes de nota média e faixa de renda menor do que em Medicina tendem a ir para o ensino privado. Além disso, discentes com nota alta de todas faixas etárias tendem a ir para o ensino público. Essas evidências ocorrem, possivelmente, pelo custo de tais formações na rede privada – que são mais baratas do que Medicina, e pela menor concorrência e notas de corte em vestibulares e, mais recentemente, no Sisu[1].

Os resultados encontrados vão ao encontro dos estudos de Lucas (2001). No Brasil, os estudantes de perfil socioeconômico privilegiado no ensino superior encontram meios de se

perpetuar no setor mesmo com desempenhos menos competitivos através da procura de vagas na rede privada. Se esses não atingem a nota suficiente para ingressarem no setor público, como a maioria dos alunos de alto rendimento faz, há a realocação para as IES privadas. Precisa-se salientar a possibilidade do perfil do alunado ter sido alterado, visto que o Sisu [13] foi ampliado e a Lei Geral de Cotas aprovada depois 2009 – último ano analisado nesse estudo. 🌐

NOTAS

* Na época, estudante do 8º período do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). E-mail: diegonunesrocha12@gmail.com.

[1] Fies: Fundo de Financiamento Estudantil

[2] Prouni: Programa Universidade para Todos

[3] Ies: Instituições de Ensino Superior

[4] Gráfico 1: Renda e desempenho por curso

[5] Gráfico 2: Renda e setor em Medicina

[6] Gráfico 3: Medicina com desempenho,

[7] Gráfico 4: Renda e setor em Veterinária & Zootecnia

[8] Gráfico 5: Veterinária & Zootecnia com desempenho

[9] Gráfico 6: Renda e setor em Arquitetura, Urbanismo & Design

[10] Gráfico 7: Arquitetura, Urbanismo & Design com desempenho

[11] Gráfico 8: Renda e setor em Odontologia

[12] Gráfico 9: Odontologia com desempenho

[13] O Sisu (Sistema de Seleção Unificada) é um sistema *online* no qual os estudantes que fizeram o Enem podem se inscrever nas universidades e nos cursos que aderiram ao Exame.

REFERÊNCIAS

AYALON, H.; YOGEV, A. Field of Study and Students' Stratification in an Expanded System of Higher Education: The Case of Israel. **European Sociological Review**, v. 21, n. 3, p. 227-241, 2005.

BAETA NEVES, C. E. Ensino Superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão. **Apresentação no Congresso de 2012 da LASA (Associação de Estudos Latino Americanos)**, em São Francisco, Califórnia, Maio 23 a 26, 2012.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: **Handbook of theory of research for the sociology of education**. Greenwood Press, Nova Iorque, p. 241-258, 1986.

CUNHA, L. A. A Universidade Reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. **Francisco Alves**, Rio de Janeiro, 1988.

GERBER, T.; CHEUNG, S. Y. Horizontal stratification in Postsecondary Education: Forms, Explanations, and Implications. **Annual Reviews of Sociology**, v. 34, p. 299-318, 2008.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**. v. 78, n. 6. p. 1360-1380, 1973.

JARUSCH, H. K. Higher Education and Social Change: some comparative perspectives. In: **The Transformation of Higher Education 1860-1930**. University of Chicago Press, p. 9-36, 1983.

LUCAS, S. Effectively Maintained Inequality: Education Transitions, Track Mobility, and Social Background Effects. **American Journal of Sociology**, v. 106, n. 6, p. 1642-1690, 2001.

PRATES, A. A. P. Universidades vs terciarização do ensino superior: a lógica da expansão do acesso com manutenção da desigualdade: o caso brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 102-123, 2007.

RATFERY, A.; HOUT, M. Maximally Maintained Inequality: Expansion, Reform, and Opportunity in Irish Education, 1921-75. **Sociology of Education**, v. 66, n. 1, p. 41-62, 1993.

SAVIANI, D. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Poíesis Pedagógica** – v. 8, n.2, p. 4-17, 2010.

Recebido: 25/05/2017
Aprovado: 04/04/2018